



O ENSINO DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA / MG

THE TEACHING OF THE PHILOSOPHY IN PHYSICAL EDUCATION: AN ANALYSIS ON UNIVERSITY OF VIÇOSA / MG

LA ENSEÑANZA DE LA FILOSOFÍA EN LA FORMACIÓN EN EDUCACIÓN FÍSICA: UN ANÁLISIS EN LA UNIVERSIDAD DE VIÇOSA / MG

Pedro Milagres¹
Katiele Picoli Dadalto²
Marizabel Kowalski³

1

Resumo: Este estudo objetiva refletir acerca da disciplina de filosofia ofertada no curso de graduação em Educação Física na Universidade Federal de Viçosa/MG, tecendo críticas pertinentes à formação. Metodologicamente, foi realizado observações e análises do processo de formação/avaliação de 92 alunos matriculados. Os resultados mostraram que 38,05% dos alunos tiveram reprovação direta, 31,52% aprovados e 30,43% penderes do exame final. Conclui-se que instrumentos de ensino devem ser implementados para maior aproximação com o campo profissional, além de repensar o espaço-temporal em que a disciplina é ofertada, a fim de amenizar os fatores que impactam negativamente no aprendizado dos conteúdos.

Palavras-chave: Filosofia. Educação Física. Graduação. Formação.

Abstract: This article aims to reflect on the philosophy subject in Physical Education major on the University of Viçosa/MG, building positive critics for the formation. Methodologically, was made observations and analysis of formation/evaluation process of the 92 students enrolled. The results are seen than 38,05% students having direct reproof, 31,52% direct approval and 30,43% took the final exam. It was concluded than teaching tools need to be implemented for a bigger approximation of professional space, too to rethink the space-time than the subject is offered, which aims to soften the problems in learning the contents.

Keywords: Philosophy. Physical Education. University graduate. Formation.

¹Graduado em Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Viçosa. Mestrando no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: pedromilagres.ef@outlook.com. ORCID: 0000-0002-2178-5279

²Graduada no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: katiele.dadalto@ufv.br. ORCID:

³ Professora Associada no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: belkowski@ufv.br. ORCID: 0000-0003-0010-2536



Resumen: Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la disciplina de la filosofía ofrecida en el curso de pregrado en Educación Física de la Universidad de Viçosa / MG, tejiendo críticas pertinentes la formación. Metodológicamente, se llevaron a cabo observaciones y análisis del proceso de capacitación / evaluación de 92 estudiantes inscritos. Los resultados mostraron que el 38,05% de los estudiantes tenían desaprobación directa, el 31,52% aprobado y el 30,43% pendiente del examen final. Se concluye que se deben implementar instrumentos de enseñanza para aproximarse mejor al campo profesional, además de repensar el espacio-tiempo en el que se ofrece la disciplina.

Palabras-clave: Filosofía. Educación Física. Graduación. Formación.

Submetido 08/07/2019

Aceito 21/05/2020

Publicado 05/06/2020



Introdução

No ingresso aos cursos de graduação, estudantes de primeiro ano, em sua maioria recém concluintes do Ensino Médio, trazem consigo expectativas pela escolha de uma profissão e déficits no aprendizado dos conteúdos fundamentais à formação humana/acadêmica, como a filosofia. Para Lovisolo (2011), estas ações apontadas afetam diretamente em como os graduandos se relacionam com as disciplinas em sua grade curricular. A ação social dos alunos opera a partir de condicionantes, propiciando influências sobre o campo de escolha. Assim, o próprio interesse pelo estudo da filosofia para além da aula é, enquanto uma ação social afetiva, condicionado por sentimentos de interesse e intimidade com o conteúdo, não propiciados pelo ensino vago e superficial (Lovisolo, 2011).

Na apresentação do livro *“Iniciação à Filosofia”* Chauí (2013) relata que nas disciplinas de filosofia comumente se conta uma piada sobre o filósofo Tales de Mileto, carregando consigo uma imagem estigmatizada e construída no senso comum. Essa imagem transparece alguém distraído que, sem prestar atenção no que se passa à sua volta, dedica a vida a pensar em coisas distantes, complicadas e, provavelmente, sem qualquer utilidade. Dessa forma, segundo a autora, os estudantes passam a conhecer a definição da filosofia pelo senso comum, de forma que “a filosofia é uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual” ou, em outras palavras, ela seria perfeitamente inútil (Chauí, 2013, p. 3).

Chauí (2013) ainda cita o sentido pejorativo dado à filosofia socrática, de um conhecimento baseado em achismos e insustentável. Consequentemente, os alunos do Ensino Médio são induzidos a associar filosofia como um comportamento vago. A autora convida ao questionamento, à reflexão, ao trabalho do pensamento na busca da compreensão de nossas ideias, sentimentos e emoções, dos valores da cultura, do desejo de liberdade e da felicidade. Mas qual seria a importância da Filosofia para a Educação Física e o Esporte?

Para Kowalski e Benini (2014), autores do livro didático “Fundamentos Filosóficos aplicados à Educação Física e o Esporte” utilizado na disciplina aqui analisada, o ensino da Filosofia objetiva a reflexão crítica sobre a realidade que nos cerca, em particular a do Brasil, mas para se concretizar, é indispensável explicar o mundo não verbal pelo verbo, em que vivemos e emitirmos juízos (Kowalski; Benini, 2014).



Dada a importância da filosofia para o convívio em sociedade e amparo a uma formação holística e humanística, este artigo justifica-se pelos atritos gerados dentro do campo da Educação Física para o ensino de disciplinas teóricas como a Filosofia e pelo intuito de compreender as ações da disciplina de Fundamentos Filosóficos Aplicados à Educação Física e Esportes (EFI 196), na busca de elaborar críticas para reiterar sua legitimação no curso. Assim, objetivamos analisar o ensino da Filosofia no curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa/MG, sobre a observação dos sujeitos envolvidos na disciplina oferecida no ano de 2016/ 1.

Metodologia

Tendo como base a proposta do estudo longitudinal sobre as ações dentro da sala de aula foi utilizada como delineamento a pesquisa observacional. A utilização da técnica de observação estruturada das aulas de EFI 196 conferiu identificar conceitos relevantes, traçar críticas e gerar hipóteses a respeito do ensino da Filosofia no curso de Educação Física, a qual este estudo se debruça. Segundo Fontelles *et.al* (2009) a pesquisa observacional consiste que o investigador atue como expectador de um fenômeno ou fato, sem que ele intervenha no curso natural, contudo, ao decorrer ele pode realizar mediações, análises e outros procedimentos para coleta de dados.

Além da observação, utilizou-se do registro de pontuação nas avaliações escritas da disciplina. A análise das avaliações considerou os resultados obtidos, a execução de atividades solicitadas, o comparecimento às aulas e entrega das tarefas estabelecidas. A nota final foi atribuída pelo sistema eletrônico da UFV, que realiza o somatório da nota de todas as avaliações, não podendo exceder 100 pontos, e como exigência para aprovação direta a nota mínima de 60 pontos.

A ênfase de análise se deu em observar, descrever e narrar os comportamentos dos alunos que cursaram a disciplina EFI 196 e professora da disciplina, ofertada no primeiro semestre de 2016, do Departamento de Educação Física da UFV. Desta forma, a amostra foi composta por 92 estudantes, com idades entre 17 e 27 anos, e a professora da disciplina.

A observação ocorreu entre os meses de março a julho de 2016. As aulas foram realizadas em um dos pavilhões de aula da universidade, com frequência de duas vezes por



semana, na terça-feira de 08:00 às 10:00 horas e quinta-feira de 10:00 às 12:00 horas. Os espaços para exposições exclusivamente teóricas eram dotados de: quadro, giz, retroprojetor, aparelho de data show. A apostila intitulada “Fundamentos Filosóficos aplicados à Educação Física e o Esporte”, de autoria de Kowalski e Benini (2014), era utilizada como principal referencial teórico na disciplina. Os alunos também dispuseram do recurso de monitoria ministrado por uma aluna do curso, aprovada mediante processo seletivo do departamento, que ofertava as aulas de apoio a depender da demanda dos alunos.

Afim de cumprir os procedimentos éticos, foram tomadas algumas precauções básicas para a coleta dos dados. Como se tratou de uma pesquisa observacional do tipo participante, o pesquisador se inseriu nas aulas e monitorias com a autorização da professora da disciplina após tomar conhecimento do projeto. Sua disposição era sempre entre os alunos, na parte mais distante do quadro onde permitiam maiores pontos de visão do ambiente observado.

Nas aulas e monitorias, foram observadas as condutas e relações estabelecidas em sala, conteúdos trabalhados em aula, dentro outros, que eram registrados em um caderno de campo. A observação foi direcionada aos comportamentos coletivos sem identificar os sujeitos, para evitar algum tipo de exposição ou constrangimento e o esforço de pesquisa foi direcionado para a produção de fontes a serem usadas posteriormente, como comente é feita nas pesquisas em antropologia.

Em comum acordo entre os pesquisadores e a professora da disciplina, os documentos de avaliação só puderam ser acessados ao fim do período letivo, que compreendia ao prazo final de lançamento de todas as notas no sistema eletrônico. Neste momento, tais dados foram cruzados com os registros de observação para a construção do artigo. Cabe ainda frisar que, em nenhum momento, não foram feitas menções ou registro dos nomes dos alunos da disciplina ou da professora, bem como tais sujeitos não foram consultados ou entrevistados no decorrer da pesquisa.

Resultados e discussão

No decorrer dos tópicos seguintes, serão apresentados e discutidos os dados colhidos nas observações e análises das avaliações, como: aglomeração de grupos sociais; formas de comportamentos dos alunos; conteúdos, e; avaliações e os resultados obtidos.

O ambiente da sala de aula: organização e conflitos

Na disciplina que esta pesquisa se dedica a analisar, estavam inscritos 92 alunos. Deles, 13 reprovados anteriormente na disciplina, 11 migrados de outros cursos da instituição, e 68 estavam ingressando na universidade. Primeiramente, se notou uma organização na disposição dos alunos em sala. Como todas carteiras estão dispostas em fileira, fixadas ao chão e voltadas para o quadro onde há um tablado destinado ao professor, observamos que a grande maioria dos alunos reprovados anteriormente se dispunham mais ao fundo da sala, longe do quadro, enquanto em uma das laterais se dispunham aglomerados de alunos que migraram de outros cursos e de outro os novos.

A ação de aglomeração de sujeitos segundo Maffesoli (1999) elabora-se como cultura de grupo, que ele denomina como ética da estética. Esta cultura de grupo tem por valor a aglomeração de sujeitos, se opondo ao individualismo, sendo o afeto estabelecido de forma amoral, repousando sobre o prazer e o desejo de estar junto, sem objetivos particulares nem específicos. Desta forma, os sujeitos tendem a se estabelecerem em grupos, buscando situações que favoreçam a relação e independem da moral.

Já o fenômeno observado de divisão dos alunos em sala está circunscrito pelo que Maffesoli (1999) denomina de territorialização, onde os alunos se aglomeram em grupos por afinidade e características comuns. Também, vimos que o espaço é outro aspecto prejudicial à aprendizagem, uma vez que a sala onde ocorrem as aulas, na maioria das vezes, não estava higienizada onde até mesmo cachorros desabrigados tinham acesso, as cadeiras fixas vetam os alunos de qualquer movimentação, a circulação de ar é precária e há falta de equipamento para ventilação.

Um aspecto particular era observado entre os 68 alunos recém ingressados na universidade, que era a visão inicial da formação. A expectativa dos alunos quanto a disciplinas práticas conflitava diretamente com a matriz do curso, já que esta apresentava 28 créditos semanais, sendo apenas quatro reservados a atividades “práticas” (Pró-reitoria de ensino, 2016). Em função disto, alguns desconfortos puderam ser observados visto que “a visão que os alunos têm da graduação em Educação Física é de um espaço para a prática corporal, voltado para os esportes, a melhoria da condição física e até mesmo um simples espaço para divertimento” (Sayão; Muniz, 2004, p. 196).



Com isso, diversas emoções podem emergir de um primeiro contato do adolescente com o ensino superior, seja no contato com as aulas de graduação pela primeira vez, no distanciamento dos conteúdos entre a educação básica e ensino superior e, o confronto da realidade às visões estigmatizadas que os adolescentes trazem acerca das profissões.

Portanto, o ambiente da sala de aula se estruturava sob aquelas distintas configurações e emoções, combinadas a estruturas de ensino inadequadas. Todas estas condições propiciam os mais diversos conflitos produzidos na interação entre diferentes indivíduos.

Nesse sentido, na primeira aula foram estabelecidas algumas normas de comportamento para com o bom andamento da aula e da relação entre as partes. Dentre eles, não era permitido o uso de celular durante as aulas, a chamada era sempre feita ao final da aula para confirmar a presença dos alunos. Também, era aconselhado que se evitasse refeições dentro da sala de aula e durante a mesma, que a saída da sala poderia ser realizada sem o aviso prévio, e o chinelo não ficasse solto pela sala, para que não prejudicasse o deslocamento da professora.

Mesmo com o estabelecimento de normas, houve comportamentos discordantes, de forma frequente, sendo dois deles principais: as saídas contínuas e duradouras da sala de aula, com muitos retornos ocorrendo em momentos antes da chamada, e, a utilização de celulares durante a aula.

Um evento ocorrido também nos chamou atenção. Alguns alunos costumavam ir para a aula de chinelos, e muitos os deixavam soltos, contrariando a norma inicial estabelecida pela professora. Em determinado momento a docente tropeçou em um deles, e o chutou para fora da sala, gerando um desconforto pelas duas partes, professora e aluno. Na concepção da professora, determinadas vestimentas não condizem com o ambiente da universidade, em especial a sala de aula. Para ela, os chinelos não assentam com as tarefas de laboratório e estágios de Educação Física, não param nos pés e ficam soltos nos corredores da sala, gerando problemas no decorrer da aula, como aconteceu.

Os debates sobre as indumentárias destinadas ao ambiente de ensino perpassam por debates históricos e políticos. Artigos e pesquisas trabalham sobre a vestimenta dos alunos no Ensino Básico, sendo poucos que se dedicam analisar a nível do Ensino Superior. Em um trabalho desenvolvido por Milagres e Kowalski (2017), eles defendiam a importância de se pensar as vestimentas atreladas ao ambiente, sabendo que estas devem ser flexíveis e que

podem gerar grandes impactos no desenvolvimento direcionado ao aprendizado. Segundo os autores, a adequação de vestimentas às normas nos espaços de ensino necessita ser definido levando em conta fatores de interesse, tanto da instituição quanto dos alunos. Contudo, subvertendo a isto, na atual instituição não se há debates sobre as possibilidades de vestimentas, assim, ficando a critério dos estudantes e professores sobre qual as normas para utilização em cada espaço.

A construção das Avaliações

Em uma das primeiras aulas, para diagnosticar o nível de conhecimento da turma, a professora questionou se os alunos tiveram a disciplina de Filosofia no Ensino Médio, mesmo sabendo que a filosofia trabalhada naquele nível de ensino não se aprofunda na área da Educação Física e Esporte. Através desta informação, a professora iria guiar o ensino dos conteúdos e as avaliações.

Quanto às avaliações por provas, não é estabelecido um modelo ideal por qualquer instância superior, mas a universidade exige que seja aplicado o número mínimo de três avaliações durante o período. Desta forma a professora opta por aplicar a prova com predominância de questões abertas, para que assim os alunos possam traçar as suas premissas e estabelecer a argumentação. Com frequência, a professora relatava o respeito a individualidade das respostas.

Analisando os modelos de prova, acreditamos que sua construção compactua com as premissas de Sócrates (469 – 399 a.C.), onde ele acreditava que na prática filosófica dos filósofos, não basta extrair as ideias dos outros sujeitos, cabe a ele testar essas ideias depois de extraí-las (Droit, 2012). Em razão desta, as perguntas sempre tinham caráter de interpretação, onde não bastava apenas transcrever as ideias, mas testá-las através da interpretação. Daí surge nossa segunda hipótese: o caráter das avaliações postas pela professora exigia com que os alunos se dedicassem ao conhecimento das ideias e ideais filosóficos fundamentais lendo a apostila, tendo assiduidade e analisando o discurso da professora, fato que caso não ocorresse, poderia levar a um mau desempenho por nota.

Na distribuição dos pontos, a professora estabeleceu a seguinte proporção:

1. Prova de 20 pontos;
2. Trabalho de 10 pontos;



3. Prova de 30 pontos;
4. Trabalho 10 pontos;
5. Prova de 30 pontos

No somatório destas avaliações, os alunos precisavam atingir o mínimo de 60 pontos para serem aprovados pelo sistema eletrônico da universidade.

A primeira prova foi realizada no dia 28 de abril de 2016, das 10 às 12 horas, em um dos auditórios do Pavilhão de Aulas “A” (PVA). A prova composta de cinco questões: a primeira objetiva e quatro discursivas, totalizando 20 pontos.

A segunda prova foi realizada no dia 09 de junho de 2016, de 10 às 12 horas no mesmo local, e era composta por cinco questões discursivas, com valor total de 30 pontos. Nesta avaliação os alunos tinham vinte minutos para realizar anotações na folha da prova utilizando seu material e a internet, passado esse tempo eles deveriam guardar todo o material e continuar a resolução da prova. Para esta, foi indicado que os alunos assistissem cinco filmes: Código de Da Vinci e, Anjos e Demônios, enaltecendo as abordagens religiosas. Matrix e sua relação com a ciência e por fim, Valente e Hotel Transilvânia evidenciando os valores morais. Das cinco questões da avaliação duas não tinha relações diretas com os filmes.

Por fim, a terceira prova foi realizada no dia 30 de junho de 2016, de 10 às 12 horas no PVA. Seis questões discursivas, totalizando 30 pontos, com os mesmos procedimentos da segunda avaliação.

Com relação aos trabalhos, foram aplicados dois no valor de 10 pontos, cada. Em função da ausência da professora, entre os dias 05 a 15 de maio de 2016, foi solicitado o primeiro trabalho no dia 03 do mesmo mês, para ser entregue até o dia 12 de maio em um local já estabelecido. O trabalho deveria ser elaborado dentro das normas ABNT, utilizando como base o livro “As cinco lições de Filosofia” de Roger – Pol Droit (2016) onde em cada capítulo era abordado um filósofo. O segundo trabalho foi logo após a segunda prova, e solicitava um relatório sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC’s) dos alunos graduandos em Educação Física da UFV, destacando a importância da pesquisa, ciência, conhecimento e a diversidade de temas abordados. Os TCC’s permaneceram expostos durante



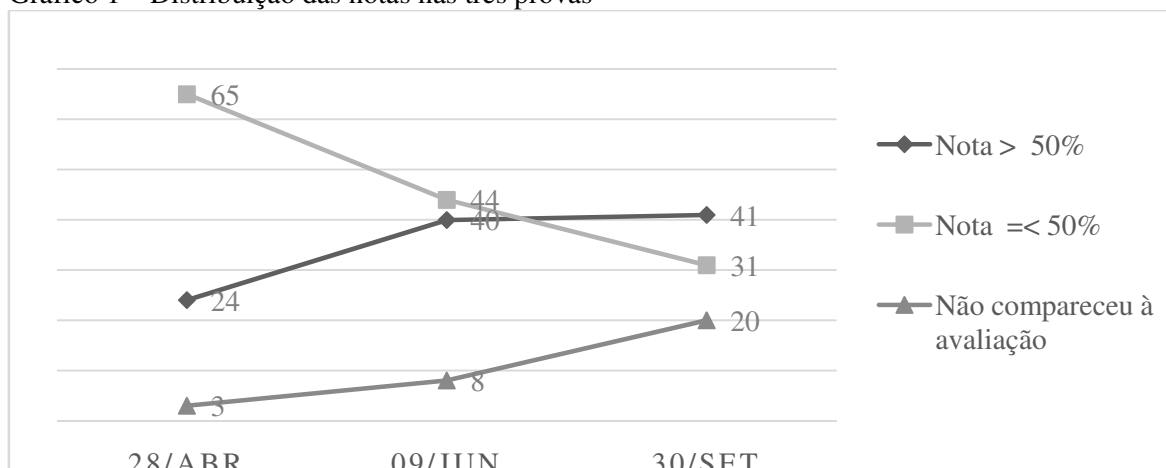
quatro horas no Pavilhão de Aula “B” (PVB) da UFV, e foi disponibilizado o horário das horas da disciplina.

Resultados das avaliações

Ao analisarmos as notas, na primeira avaliação realizada no dia 28 de abril, no valor de 20 pontos, podemos perceber que dentre os 92 alunos que cursaram a disciplina, 65 obtiveram notas iguais ou inferiores à 50%, e apenas 24 superiores a 50%, enquanto três alunos não compareceram para realizar a avaliação (Gráfico 1). A maior concentração de notas se deu entre seis e dez pontos. Uma monitoria antecedeu a esta avaliação, onde apenas oito alunos compareceram, podendo indicar a pouca atenção dada à avaliação. Acreditamos que além da ausência na monitoria, outro fator determinante no baixo rendimento dos alunos, nesta primeira prova, foi o escasso aprendizado dos fundamentos da filosofia no Ensino Médio. Apesar da professora ter estabelecido uma avaliação diagnóstica nas primeiras aulas, era nítida a dificuldade dos alunos no processo de apropriação do conhecimento em sala.

10

Gráfico 1 – Distribuição das notas nas três provas



Fonte: Nota das avaliações (do tipo prova) registradas no sistema eletrônico da UFV.

Após a primeira avaliação, foi solicitado o primeiro trabalho no valor de 10 pontos, porém 41% dos alunos efetuaram a entrega, comprometendo ainda mais as notas obtidas na primeira avaliação.

Na segunda avaliação, ainda observando ao gráfico 1, o número de alunos com notas abaixo ou igual a 50% permaneceu alto. Somado aos oito alunos que não realizavam a prova,



eles representavam aproximadamente 52,17% da amostra de alunos. Na expectativa que os alunos obtivessem um melhor desempenho, a professora disponibilizou mais tempo durante a prova para os alunos realizarem consulta em seu material de anotação e na internet. Suprindo parte das expectativas, houveram cinco pessoas que obtiveram nota máxima, já oito alunos não compareceram para realizar a avaliação. Neste momento, os esforços como a utilização de consulta, e a realização de duas monitorias que antecederam esta avaliação foram fatores fundamentais para a redução das notas inferiores à 50%, tendo queda de 61,53%, aproximadamente.

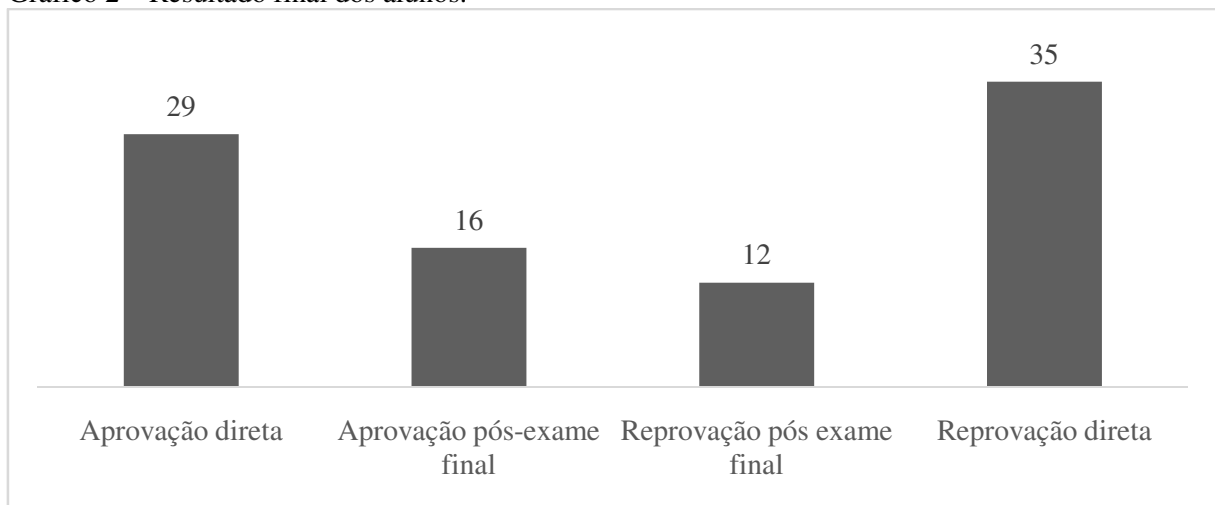
Um trabalho cobrado logo após esta avaliação, no valor de 10 pontos, mostrou que 17 alunos não efetuaram a entrega, podendo estar relacionado com o grande número de não comparecimentos na terceira prova. Por outro lado, 65 alunos obtiveram nota máxima.

Ao chegar na terceira prova, houve grande número de desistência e de notas iguais ou inferiores à 50% do valor da avaliação, chegando a representar 55,43% da amostra (Gráfico 1).

Resultante desta sequência de alunos com notas baixas nas avaliações, o não comparecimento para realização e a não entrega dos trabalhos, apenas 31,52% dos alunos obtiveram somatório de notas suficientes para aprovação direta, e 30,43% obtiveram somatório entre 40 e 59 pontos, que lhes permitiam realizar o exame final para suficiência na aprovação (Gráfico 2).

Para os 28 alunos que obtiveram nota para o exame final, foi elaborado uma avaliação que aborda a diversidade de temas trabalhados durante o período, sendo que, não houve monitoria antes desta avaliação. No dia da realização do exame, compareceram apenas 18 alunos, sendo que 16 obtiveram nota suficiente para aprovação (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Resultado final dos alunos.



Fonte: Resultados finais registrados no sistema eletrônico da UFV.

Desta forma, podemos observar três fatores cruciais para a obtenção destes resultados, aparentemente negativos. Primeiro, muitos não realizaram a impressão do material que estava disponibilizado na copiadora, desencadeando um menor aproveitamento da disciplina, já este era o principal referencial para acompanhar as aulas. O segundo fator foi a pouca participação dos alunos nas aulas, uma vez que os questionamentos em sala foram diretamente proporcionais ao declínio da presença às avaliações, podendo assim denominar este ato como um desinteresse na disciplina. Já o terceiro fator foi o baixo comparecimento e procura das monitorias.

Em defesa da Filosofia na Educação Física...

Em um diálogo, Sócrates simula para Glauco a situação onde há uma caverna e no fundo dela vivem diversos homens acorrentados e, para o único lugar que eles olham são refletidas, por uma fogueira, imagens de pessoas e objetos que passam na entrada da caverna. Estes sujeitos descritos por Sócrates, acreditam veemente que as imagens sombreadas na parede eram reais. Um deles, ao ser tirado à força da caverna, sofre para conseguir adquirir a visão nítida naquele novo lugar “real”, e tem resistência em ficar fora dela, enxergando as coisas mais nítidas. Logo, acomodando sua visão, ele estranha diversas formas e depois de um tempo passa a admirá-las (Platão, 2006).



Através do diálogo entre Sócrates e Glauco, podemos identificar a importância da Filosofia e do filósofo para tirar os alunos da caverna e os instiga a olhar além dos sombreamentos. Para Droit (2012), cabe a quem busca filosofar não apenas o pensamento imediato, espontâneo e irreflexivo, mas um questionamento constante.

Por sua vez, a contribuição da disciplina de Filosofia nos cursos de formação em diferentes áreas não pode ser reduzida a mera aplicação teórica, cabendo-a lugar de fornecer subsídios para a reflexão sobre o campo profissional. Nesse intuito, convencionou-se esboçar o cronograma da disciplina Fundamentos Filosóficos Aplicados à Educação Física e Esportes (EFI 196) a partir de seus conteúdos problematizados, como podemos ver no Quadro 1.

Quadro 1 – Conteúdos do cronograma analítico da disciplina Fundamentos Filosóficos Aplicados à Educação Física e Esportes

Conteúdo	Duração (hora/aula)
O homem: A condição humana; Natureza e Cultura; Concepções de Homem	10
A técnica: 'Homo Sapiens' e 'Homo Faber'; As transformações da técnica; Técnica, Ciência e sociedade; Técnica e alienação; Tecnocracia. Racionalismo.	06
O Conhecimento: Senso comum. Mítico; filosófico; científico	12
Moral: O mundo dos valores; O valor social e pessoal; O sujeito moral; O homem virtuoso; Obrigação e liberdade; Progresso moral.	10
Política: Democracia; Concepções políticas	6
Estética: Feio ou bonito; A arte da Elite; Mídia	10
Avaliações	6

Fonte: Programa analítico da disciplina disponibilizada no sistema eletrônico aos alunos.

Como se percebe no Quadro 1, foi oportunizado aos alunos um pensamento ancorado nas percepções do mundo e da existência humana a partir dos conteúdos que problematizam o ser humano e seu meio, suas produções materiais, artísticas e suas condutas. A disciplina se propõe a uma abordagem mais teórica da filosofia, cabendo às práticas em Educação Física o caráter transversal com os conteúdos, que apareceram, de forma mais explícita, nas aulas



sobre “Moral” em que foi problematizado a ética profissional no campo e “Estética” em que foi trabalhado exclusivamente os corpos e a produção de imagens negociadas⁴ nos Esportes.

Nesse sentido, quando a disciplina de Filosofia neste curso de Educação Física dá aos alunos subsídios para refletir sobre o mundo e a existência humana, ela fornece outros sistemas teóricos de interpretação das atuações profissionais no campo, permitindo-os se emancipar das práticas mecânicas nas escolas, academias fitness, clubes recreativos, produções científicas, dentre outros (Betti, 2005).

Além disso, também é necessário reconhecermos as fragilidades da sistematização dos conteúdos. Quando a disciplina se organiza em torno de discussão estritamente teórica e sem diálogo constante com as práticas em Educação Física, ela se torna menos tangível aos alunos, com destaque aos recém ingressos que compõe quase a totalidade dos inscritos na disciplina. Tais percepções na estrutura, também corrobora com achados empíricos na literatura acadêmica sobre a relação de graduandos com os conhecimentos filosóficos.

Smith (2018) através de sua experiência no ensino superior, identificou quatro razões principais para que os alunos tratem a Filosofia de forma distinta da Ciência. A primeira está ligada a falta de consciência histórica dos universitários, desconhecendo as fragmentações do conhecimento como resultados de criações humanas dinâmicas. A segunda diz respeito da consciência dos universitários de entenderem a ciência com a produção de resultados concretos, atribuindo aos resultados produzidos na Filosofia como nada de tangível a mostrar. A terceira razão se reflete na crença dos universitários na objetividade da ciência, preterindo todos os vieses criativos incorporados na produção da pesquisa, que alimentam o trabalho criativo da ciência. Por fim, a quarta razão se conforta na imagem que eles têm da ciência como algo que cataloga os fatos e da educação científica com o ato de ensinar às pessoas quais são os fatos.

Contudo, a autora afirma que para que a Filosofia da ciência possa ser reconhecida, também, como um campo privilegiado, é necessário que colegas de outros campos, como da fisiologia, da biomecânica, por exemplo, indiquem aos alunos o pilar importante instalado pela Filosofia para a sustentação do seu campo de conhecimento (Smith, 2018).

⁴ Para construir a noção de *Imagens Negociadas*, Miceli (1996) utiliza das produções artísticas de Cândido Portinari para mostrar como ocorre a produção estratégica de obras afim de atender a uma demanda de consumo e popularidade. Esta mesma lógica é trabalhada na produção dos contornos corporais no olhar artístico e da mídia, estas dimensões se relacionam nas práticas da Educação Física.



Assim, quando afirmamos a importância do aprendizado e da prática filosófica nesta Educação Física, provocamos que a utilização dos conhecimentos geridos durante a graduação possa ser aplicada livres da ação mecânica irrefletida que é aprendida em diversos cursos de graduação. Defendemos que, para além de repensar a abordagem filosófica na disciplina, é necessário que os alunos questionem os métodos de intervenção da Educação Física, construindo ações racionais em torno dele. Mas, para isto, é necessário que os alunos desenvolvam maior compromisso com sua formação, e se livrem de seus interesses utilitaristas e enfoque apenas nas técnicas, se fazendo disponíveis para a reflexão (Lovisiolo, 2011).

Estas mudanças de posturas são extremamente essenciais para que tais profissionais se adaptem à demanda da sociedade. É preciso ter a consciência da fluidez e velocidade com que as informações circulam, dispensando facilmente a necessidade de práticas profissionais rígidas e a presença constante de instabilidades característica da sociedade contemporânea (Baumam, 2001).

Neste momento, a configuração universitária no Brasil é um fator preponderante para a legitimação da Filosofia (e das Ciências Humanas) nos cursos de Educação Física. Barboni e Dias Junior (2017), ao comparara formação em Educação Física numa universidade do Brasil e outra em Portugal, identificou que a maior autonomia das universidades públicas brasileiras frente à realidade de Portugal possibilita o investimento em um currículo mais reflexivo na área e que se preocupe mais com as atenções da sociedade e sua transformação, em detrimento às demandas exclusivas e imediatas do mercado. Assim, um currículo contra hegemônico permite espaço às disciplinas reflexivas, propiciando aos alunos uma formação holística, afim de atender tanto às demandas técnicas como humanas no exercício profissional.

Portanto, cabe aos futuros profissionais estarem preparados para a diversidade de públicos a serem atendidos, não bastando intervenções padronizadas para atender a todos, sejam nas academias de ginástica ou em escolas de diferentes bairros. Cada vez mais se exige dos profissionais atuantes na área da saúde a disponibilidade de serviços personalizados, ou o reconhecimento dos particulares culturais locais por parte dos professores atuantes nas redes de ensinos. É necessário, portanto, refletir sobre a subjetividade dos diferentes sujeitos para elaborar múltiplas formas de intervenções/mediações.

Reforçamos, então, que cabe aos alunos que ingressam nos cursos de graduação em Educação Física o rompimento com a visão dualista do corpo e alma que muitas vezes se procede no senso comum. Entender, através da disciplina de Filosofia, que o corpo não é apenas anatomo-morfo-fisiológico, ou seja, ossos sobrepostos de músculos ramificados por nervos e embebidos por sangue. Cabe a eles, entenderem que nossa carne não se dissipa da “mente”, que o corpo é uma junção complexa de elementos fisiológicos, emocionais e culturais, e, “ao mudar o corpo, o indivíduo pretende mudar sua vida, modificar seu sentimento de identidade” (Le Breton, 2003, p. 30).

Por fim, reforçamos que o papel do ensino da Filosofia nos cursos de graduação em Educação Física deve ter como intuito provocar os alunos a romper com suas cavernas, e adotarem a reflexão, sendo, esta prática essencial para que os alunos entendam como atender às demandas desta sociedade, sem deixar de lado a essência dos corpos/sujeitos. Para isto, é necessário que a disciplina forneça debates teóricos de forma tangível aos alunos e próximo ao exercício profissional no campo, bem como os alunos estejam abertos a uma formação reflexiva e não reduzida ao ensino conhecimentos técnico utilitários.

Considerações finais

Em aspectos históricos, as ciências humanas sempre estiveram nos cursos de Educação Física, meio a instabilidades e deslegitimações. Fato este, é que disciplinas deste campo de conhecimento acabam se estabelecendo entre os alunos como disciplina de segunda importância (Lovisol, 2011). Neste estudo, de natureza quanti-quali, pode-se constatar um grande desinteresse dos alunos no conteúdo, que se materializou em constantes saídas durante a aula, não procura pelo material didático, além da baixa busca pela monitoria.

Os resultados das provas mostraram que houve um aumento no rendimento dos alunos durante o período, acompanhado de uma queda dos resultados iguais ou inferiores a 50% e aumento do número de não comparecimento nas avaliações. A representação de notas superiores a 50%, em dados gerais, foi aproximadamente 26,09% na primeira prova, 47,83% na segunda prova e 44,57% na terceira e última prova. A mudança dos procedimentos de aplicação da avaliação se mostrou um fator determinante para o aumento do rendimento por notas.



Ao final da disciplina, 38,05% dos alunos tiveram reprovação direta, 31,52% foram aprovados e 30,43% ficaram pendentes do exame final, sendo que 16 deles foram aprovados, caracterizando um total de 45 aprovações e 47 reprovações.

Para além de dados numéricos, durante a disciplina foi perceptível a desmotivação de parte considerável dos alunos, que se materializavam em conflitos com a professora da disciplina, saídas recorrentes de sala, quebra de contratos sociais estabelecidos, não comparecimento para realização da prova e busca de monitorias, que não puderam ser investigados com maior profundidade devido a limitação da pesquisa.

Por fim, apesar dos elementos encontrados nesta realidade, que pode caracterizar o desinteresse dos alunos pela presença desta disciplina em sua grade curricular, acreditamos que o ensino da Filosofia na Educação Física é fundamental para que os alunos possam superar um tradicional ensino puramente técnico, que não atende as necessidades do mercado que cada vez mais exige profissionais flexíveis e criativos, prontos para emergir em diferentes subjetividades humanas. Para isto, também é preciso que as disciplinas de filosofia implementem estratégias de ensino que aproximem do campo de intervenção da Educação Física, em busca de superar o grande desinteresse apontado por Lovisolo (2011) e observados na comunidade estudada.

Uma segunda consideração se encontra no espaço-temporal em que a disciplina EFI 196 se encontra na grade curricular. A disciplina estava sendo ofertada no primeiro período de curso com grande parte dos alunos advindos diretamente do ensino médio, indo de contraponto às expectativas iniciais. Acreditamos, portanto, que é necessário repensar este espaço-temporal em que a disciplina se encontra, podendo ser ofertada em uma fase de maior compreensão das exigências profissionais, por parte dos alunos.

Referências

BARBONI, Viviana Graziela de Almeida Vasconcelos; DIAS JUNIOR, Elson Moura. Formação em Educação Física: uma reflexão comparativa entre duas realidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 379-392, mar. 2017.

BAUMAM, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BETTI, Mauro. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 183-197, set. 2005.



- CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2013.
- DROIT, Roger-Pol. **Filosofia em cinco lições**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2012.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador I: História dos Costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FONTELLES, Mauro José et al. Metodologia da pesquisa científica: Diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista Paraense de Medicina**, Belém, v. 23, n. 3, p.1-8, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História Essencial da Filosofia IV**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
- KOWALSKI, Marizabel. BENINI, Luiz Eduardo. **Fundamentos Filosóficos Aplicados à Educação Física e Esporte**. Viçosa/MG – UFV, 2014.
- LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade**. Campinas, Papyrus, 2013.
- LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Sociologia do Esporte: Temas e Problemas. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, p.80-91, jul. 2011.
- MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MICELI, Sergio. **Imagens Negociadas: retratos da elite brasileira (1920-40)**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- MILAGRES, Pedro. KOWALSKI, Marizabel. Uniforme Escolar: identidade, representação social e civilidade expressa na Educação Física escolar. 2017, 22 f. **PIBIC/CNPq** – Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Viçosa, 2017.
- OLIVEIRA, Suellen Rodrigues de; MAZIERO, Andressa Merlin. Vivenciando a Docência: Participação ativa do monitor nas aulas teóricas. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, Brasília, p.1817-1824, mar. 2013.
- PLATÃO. **A República**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- PRÓ-REITORIA DE ENSINO (Viçosa). Universidade Federal de Viçosa. **Catálogo de Graduação 2016**. 2016. Disponível em: <<http://www.catalogo.ufv.br/index.php?campus=vicosa&ano=2016>>. Acesso em: 04 fev. 2018.
- SAYÃO, Marcelo Nunes; MUNIZ, Neyse Luiz. O Planejamento na Educação Física Escolar: Um possível caminho para a formação de um novo homem. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 7, n. 2, p.187-203, 2004.
- SMITH, Subrena. Porque a Filosofia da ciência importa. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 3. 1 jul. 2018.